

PROFECIA E LÍNGUAS

(PARTE 2)

Quando Paulo comparou profecia e línguas, ele enfatizou que a diferença crucial era que um dom edificava a igreja; o outro não edificava, a menos que as palavras ditas fossem interpretadas. O apóstolo elogiou o zelo por dons espirituais desde que esses dons contribuíssem “para a edificação da igreja” (14:12). Era possível que esses dons fossem espetaculares quando demonstrados por indivíduos, porém sem utilidade para a glória de Deus e de Sua igreja. Para que um dom edificasse, ele precisava comunicar uma mensagem compreensível. Se, como acreditamos, o dom de línguas em Corinto se dava quando uma pessoa falava em línguas humanas, idiomas, pelo poder miraculoso do Espírito Santo, os que tinham esse poder estavam usando seus dons para auto-engrandecimento. Nesse caso, a igreja estava sendo parcamente beneficiada.

A exigência do apóstolo de que as línguas fossem interpretadas demonstra que ele acreditava que elas tinham um significado intrínseco. Paulo declarou aos coríntios que as palavras ditas em línguas precisavam ser interpretadas. Se não pudessem ser interpretadas, eram inúteis para a edificação da igreja, ainda que tivessem algum benefício questionável para a elucidação emocional ou espiritual dos indivíduos. Meras distrações na assembleia dos santos não traziam benefício algum para cristãos ou não cristãos que as observavam.

EDIFICANDO A IGREJA (14:13–19)

¹³Pelo que, o que fala em outra língua deve orar para que a possa interpretar. ¹⁴Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. ¹⁵Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também

cantarei com a mente. ¹⁶E, se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o amém depois da tua ação de graças? Visto que não entende o que dizes; ¹⁷porque tu, de fato, dás bem as graças, mas o outro não é edificado. ¹⁸Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós. ¹⁹Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua

Versículo 13. Um único indivíduo poderia ser abençoado com mais de um dom espiritual ou miraculoso. Paulo aconselhou que quem tivesse a habilidade de falar em outra língua por meio sobrenatural deveria orar para receber também o dom de interpretação. Somente quando interpretadas, as palavras ditas por esse indivíduo poderiam comunicar alguma mensagem aos que precisavam ouvi-la. Porque as palavras ditas em outra língua continham significado, a pessoa dotada deveria **orar para que a pudesse interpretar**. É difícil ver lógica em orar pelo dom da interpretação se não houvesse algo a ser interpretado, ou seja, se não houvesse uma mensagem inteligível sendo expressa quando um cristão espiritualmente dotado falava em outra língua. Não haveria nada para se interpretar, se o assunto aqui fossem sílabas sem significado expressas em elocuções extáticas. O entendimento da instrução de Paulo para os coríntios está diretamente ligado a como os coríntios entendiam o que era o dom de línguas. O mesmo se aplica aos leitores modernos.

Versículo 14. Paulo mudou o pronome para a primeira pessoa para se identificar melhor com seus leitores. O apóstolo parecia querer dizer que quando um cristão orava em outra língua, ninguém entendia, não ocorria nenhuma comunicação, nem louvor, nem exortação. No mínimo, nada disso po-

dia acontecer no que diz respeito à assembleia da igreja. O indivíduo que falava podia sentir certa euforia por saber que o Espírito Santo estava falando através de seu **espírito**, mas o bem de fato não se estendia além disso. O que ele podia almejar conscientemente não gerava fruto algum nas mentes dos ouvintes. Na melhor das hipóteses, esse orador poderia oferecer uma oração a Deus frutífera no que dizia respeito ao seu próprio “espírito”. Numa fé sincera, sua alma podia proferir belas palavras a Deus, mas não havia edificação, nem fruto, nas mentes dos que o ouviam, pois não o entendiam.

Paulo esperava que uma oração dirigida pela **mente** (*voūç, nous*) do crente produzisse frutos. Os frutos produzidos poderiam ser no coração de quem orava num sentido limitado, mas normalmente os frutos eram produzidos também fora da mente da pessoa que falava. Provavelmente, Paulo queria dizer que quando um crente orava numa língua desconhecida aos seus ouvintes, o que ele dizia podia não gerar fruto nos que ouviam. A “mente” do crente seria “infrutífera”; por conta disso, os ouvintes não poderiam dizer “amém” (14:16). Estariam inaptos para acrescentar as próprias orações às palavras do indivíduo que não entendiam. Paulo estava indicando que a adoração na assembleia deveria ser uma oferta coletiva, não uma iniciativa individual.

Versículo 15. Ainda escrevendo em primeira pessoa, Paulo enfatizou a importância do entendimento. Ele insistiu em que qualquer benefício emocional do exercício de um dom espiritual tinha de vir acompanhado de entendimento, para que o dom glorificasse a Deus. O apóstolo pôs-se como representante de todos os cristãos quando escreveu: **Orarei** (*προσεύξομαι, proseuxomai*) e **cantarei** (*ψαλῶ, psalō*). Ele disse que participaria dessas duas atividades **com o espírito** e **com a mente**. Entendimento e regozijo não são mutuamente exclusivos, mas os coríntios, ao que parece, estavam buscando primeiramente comoções, ou então estavam buscando o emocional em detrimento do entendimento. Paulo foi manso, porém persistente ao declarar que seguir esse curso de ação era flertar com o desastre espiritual. Quer orando, quer cantando, Paulo insistiu para os crentes coríntios se expressarem na adoração entendendo o que comunicavam.

Os cânticos na Bíblia são sempre expressões racionais de louvor, gratidão e súplica. Vemos exemplos deles nos salmos de Israel, bem como nos cânticos de Maria e Zacarias, registrados em Lucas

1:46–55, 67–79. Não há um motivo convincente para se entender que, em Corinto, o ato de cantar fosse diferente disso. A admoestação de Paulo para que houvesse interpretação só faz sentido se os cânticos e as línguas emitidos na reunião da igreja em Corinto pudessem ser entendidos. Se esses dois atos fossem balbúcios sem significado, Paulo não esperaria que cada um fosse traduzido por um pensamento racional.

Versículo 16. As expectativas do apóstolo em relação ao dom de línguas manifestado nas reuniões cristãs eram consideravelmente diferentes das expectativas dos pagãos. Nos cultos pagãos, não se esperava que os oradores movidos por êxtase fossem interpretados para que os ouvintes recebessem uma exortação (14:4) ou pronunciassem um **amém**. Paulo ordenou que seus leitores atentassem para a instrução de que deveria haver um intérprete a edificar o corpo.

Nos cenários pagãos, as línguas “estranhas” não eram interpretadas, pelo menos não no sentido de serem traduzidas de uma língua natural [idioma] para outra. As mensagens proferidas por oráculos como o de Delfos tinham o propósito de predizer o futuro, e não de encorajar um corpo de crentes. Toda atividade causada por frenesi, incluindo o discurso extático, estava associada aos cultos pagãos, que eram conhecidos pela sensualidade que promoviam. É improvável que Paulo quisesse adotar essa prática de adoração pagã nas reuniões cristãs. Se o fenômeno de línguas nas reuniões de adoração em Corinto envolviam línguas naturais aprendidas de modo miraculoso, a semelhança com as elocuções extáticas pagãs referem-se apenas a aspectos superficiais e irrelevantes.

O sentido é que um crente podia bendizer a Deus ou outra pessoa sob a influência do Espírito enquanto falava em outra língua, mas alguns ouvintes não conseguiram decifrá-lo. A palavra *ἰδιώτης* (*idiōtēs*), traduzida por **indouto**, seria melhor traduzida por “amador” ou talvez “não iniciado”. Esse vocábulo aparece em 1 Coríntios 14:16, 23 e 24; e, fora essas ocorrências, aparece somente mais duas vezes no Novo Testamento (Atos 4:13; 2 Coríntios 11:6). Em todas as ocorrências, o termo se refere a alguém, de certo modo, destreinado. Um carpinteiro, por exemplo, poderia ser descrito como *idiōtes* (“amador”) por um médico em relação à ciência médica. Em Atos 4:13, Pedro e João foram julgados “indoutos” ou “incultos” na Lei; isto é, os judeus reconheceram que eles não haviam sido treinados

em interpretação da Lei. Em 2 Coríntios 11:6, Paulo observou que alguns o consideravam um orador “indouto” [“não eloquente”; NVI].

Em suas três ocorrências em 1 Coríntios 14, *idiōtēs* parece se referir a quem era inapto para entender o que se passava quando um cristão falava em outra língua na assembleia. Essa pessoa poderia ser um descrente, ou um espectador curioso; alguém “que ocupa[va] o lugar de” [v. 16; ARIB] um ouvinte interessado – não exatamente como um crente, nem como um incrédulo. Quem ouvia um cristão dotado pelo Espírito falar em outra língua que ele não entendia não teria base para concordar ou discordar do orador. Por essa razão, esse ouvinte podia ser descrito como *idiōtēs*; ou seja, inapto para avaliar o que ouviu e sem condições de dizer “amém”, sem saber pelo que dar **graças** ou louvar. Os impulsos evangelísticos de Paulo subiram à superfície. Na visão dele, o observador inapto “é a pessoa mais importante presente na reunião de adoração”¹ (veja 1 Coríntios 14:23). Isto é verdade porque se tal pessoa não entende o que é dito, a mensagem – por mais miraculosa que seja – não tem significado algum.

Versículo 17. Sob a influência do Espírito, um orador podia orar, bendizer ou louvar de modo totalmente apropriado. O indivíduo dotado que falava em língua estrangeira seria edificado, presumindo-se que ele entendia o significado de suas palavras. O observador interessado, o *idiōtēs*, não seria **edificado** se ouvisse palavras que não entendia. Falar em línguas, nesse caso, em nada edificaria o corpo. As línguas seriam, assim, um obstáculo para se alcançar não cristãos com o evangelho.

Versículo 18. Paulo queria deixar claro que suas instruções aos coríntios a respeito do uso de dons espirituais, particularmente o falar em línguas, não eram motivadas por ciúmes. Não se tratava de o próprio apóstolo não possuir o dom de línguas. Ele falava miraculosamente em línguas como bem quisesse, e com mais liberdade do que qualquer um daqueles irmãos de Corinto. Como apóstolo, Paulo podia falar qualquer língua que a ocasião exigisse. Ao contrário disso, seus leitores, aparentemente, eram limitados a uma ou talvez duas línguas. Por essa razão, Paulo podia dizer: **Falo em outras línguas mais do que todos vós.** Isso não queria dizer que o apóstolo falava numa língua mais frequente-

¹David E. Garland, *1 Corinthians*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2003, p. 641.

mente do que qualquer um deles, mas que o Espírito Santo lhe permitia ter maior flexibilidade no uso de línguas.

Versículo 19. A ocasião que propiciou a exposição sobre línguas e profecia, desde o início, foi a conduta **na igreja** (veja 14:28). Somente em 1 Coríntios 11:18; 14:19, 28 e 35, Paulo usou a expressão ἐν ἐκκλησίᾳ (*en ekklēsia*, literalmente, “na igreja”). A palavra ἐκκλησία (*ekklēsia*) significa “assembleia”; o contexto indica que essa é a expressão que o apóstolo usou para os cristãos reunidos para adorar². Parece que Paulo estava fazendo uma distinção entre o emprego das línguas em outros cenários e seu uso na reunião dos cristãos.

O dom de línguas no Novo Testamento certamente era a capacidade de falar miraculosamente em línguas reais que o falante não havia aprendido por meios normais. Paulo via as línguas como sendo úteis para o ensino em lugares públicos em que o orador provavelmente iria encontrar pessoas com quem não poderia se comunicar de outra forma (14:22). Nesses lugares públicos, o apóstolo empregou seu dom; mas ele o usou “na [reunião da] igreja” somente quando em ocasiões especiais. “Na igreja”, ou seja, nas reuniões da igreja, a preocupação de Paulo era instruir, animar e ensinar os irmãos, e não exibir quão espiritual ele era ou quanto o Espírito o havia abençoado através do exercício de línguas. Por essas razões, o apóstolo disse que “na igreja” ele preferia falar cinco palavras para instruir os ouvintes do que falar dez mil palavras numa língua que seus irmãos em Cristo não entendiam. Não há um significado enigmático nos números escolhidos por Paulo. Eles só tinham relevância para ajudar a traçar um forte contraste entre o falar inteligível e o ininteligível.

ADORAÇÃO E CONSCIÊNCIA COMUNITÁRIA (14:20–25)

20Irmãos, não sejais meninos no juízo; na maturidade, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos. **21**Na lei está escrito: Falarei a este povo por homens de outras línguas e por lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor. **22**De sorte que as línguas

²A ARA e outras versões optaram por traduzir a expressão “em igreja” com o acréscimo do artigo “na igreja” em 14:19, 28 e 35. Entenda-se que em todos esses casos, incluindo 11:18, o significado é “em assembleia” ou “em reunião”.

constituem um sinal não para os crentes, mas para os incrédulos; mas a profecia não é para os incrédulos, e sim para os que crêem. ²³Se, pois, toda a igreja se reunir no mesmo lugar, e todos se puserem a falar em outras línguas, no caso de entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão, porventura, que estais loucos? ²⁴Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo ou indouto, é ele por todos convencido e por todos julgado; ²⁵tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós.

O exercício dos dons espirituais na reunião da igreja, assim como outras questões em Corinto, estavam contribuindo para divergências. Alguns cristãos pareciam valorizar mais o saber sofisticado (veja 1:26, 27; 4:8). Em refeições de confraternização, os que possuíam riquezas se separavam dos menos favorecidos financeiramente. Para aos mais sofisticados, o caos instalado quando membros falavam em várias línguas e os profetas competiam para ver quem falava mais alto ou quem dominava mais era intolerável. Paulo viu falhas nas atitudes e práticas dos coríntios que sabiam mais e eram mais ricos. No que tange à consideração mútua durante as reuniões, o apóstolo se posicionou ao lado dos que queriam um nível razoável de ordem. Era preciso que a igreja aprendesse a agir de modo cooperativo, para que todos recebessem instrução no Senhor e crescessem no respeito mútuo.

Adorar em comunidade requer que cada um combine seus próprios desejos e preferências com as necessidades do todo. Paulo expressou seu pedido empregando o conceito de maturidade. Todos deveriam colocar de lado suas urgências em favor das necessidades da igreja como um corpo.

Versículo 20. Paulo incentivou os irmãos a não serem **meninos no juízo**. No Novo Testamento, as crianças servem tanto para exemplos positivos como negativos. Quando os discípulos perguntaram a Jesus quem seria o maior no reino dos céus, Ele chamou uma criança e colocou-a diante dos discípulos, dizendo: “Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus” (Mateus 18:1–4). Algumas qualidades que caracterizam as crianças são dignas de serem imitadas pelos cristãos; outras, não.

No português moderno o adjetivo “infantil” pode ter conotações consideravelmente diferentes.

Os cristãos de Corinto haviam se tornado infantis no modo de pensar e no comportamento. Precisavam crescer, saindo da infantilidade, e ao mesmo tempo preservar a inocência infantil. Com respeito à malícia, é maravilhoso ser como uma criança – mas não com respeito ao entendimento. O apóstolo estava dizendo para “pensarem e agirem como adultos”.

Quando os cristãos competem entre si por atenção ou rejeitam a instrução de seus irmãos, estão agindo como crianças. A maturidade requer que os cristãos se comportem durante as reuniões de maneira a edificar os demais presentes. Deus é glorificado quando os crentes ouvem uns aos outros e estão dispostos a ser corrigidos uns pelos outros. Maturidade requer consciência comunitária. A edificação individual deve ser secundária em relação à edificação do corpo. Consciência comunitária é particularmente importante nas reuniões públicas da igreja.

Versículo 21. Paulo antecedeu uma citação de Isaías 28:11 e 12 com a frase: **Na lei está escrito**. Ele não confinou a Lei ao Pentateuco. Num sentido, os profetas reforçaram a aliança de Deus. No entanto, a relevância de Isaías 28:11 e 12 para a situação de Corinto não é imediatamente óbvia. Isaías se referia a Deus disciplinar Israel usando pessoas cuja língua eles não entendiam. A referência do profeta a **outras línguas** atraiu a mente de Paulo para essa passagem. A situação em Corinto era diferente da enfrentada por Israel setecentos anos antes, ainda que Deus também estivesse usando “outras línguas” naquele momento histórico. Assim como Israel, os coríntios não estavam prestando atenção à mensagem que Deus estava transmitindo por intermédio de línguas. Em Isaías, é claro que o profeta tinha em mente línguas humanas. É melhor entender línguas em Corinto, também, como línguas reais.

Os autores do Novo Testamento às vezes citavam passagens do Antigo Testamento principalmente por associação textual. O texto dessa passagem do Antigo Testamento era apropriado para o novo cenário, ainda que não descrevesse exatamente o mesmo tipo de situação. Assim como Israel fora advertido por outras línguas, os cristãos coríntios precisavam dar ouvidos à advertência de Paulo relativa ao mau uso do dom de línguas concedido pelo Espírito Santo para a edificação da igreja.

Versículo 22. O Espírito Santo capacitou alguns cristãos coríntios com a habilidade miraculosa de falar em línguas que eles não tinham aprendido por

meios normais. Se houvesse “incrédulos” (*ἀπιστος*, *apistos*) na reunião dos cristãos ouvindo os coríntios pregarem o evangelho em suas línguas nativas (veja Atos 2:7, 8), esse seria um sinal incontestável de que havia poder divino agindo naquelas pessoas. O argumento de Paulo faria pouco sentido se falar em línguas em Corinto equivalesse a elocuções extáticas. Sons incoerentes e emocionais não seriam sinal de coisa alguma, senão prejuízo para o observador de fora ou “indouto” (*ἰδιώτης*, *idiōtes*; 14:16, 23, 24).

Por outro lado, o fato de um cristão falar, miraculosamente porém quando quisesse, em outra língua seria um sinal real para os que estavam apenas levemente interessados no evangelho de Cristo. **As línguas constituíam um sinal não para os crentes, mas para os incrédulos.** Em contraste com isso, a profecia era um dom para a edificação dos crentes na assembleia. Os coríntios estavam usando o dom espiritual de falar em línguas para impressionarem uns aos outros. Nesse processo, estavam debilitando o evangelho.

Versículo 23. O apóstolo esclareceu sua exposição com uma pergunta retórica em 12:30: “Falam todos em outras línguas?”. Os que falavam em línguas na igreja coríntia deviam ser um número relativamente pequeno. Paulo estava usando uma hipérbole quando conjecturou um incrédulo presente na assembleia vendo **todos** a falar **em outras línguas**. O apóstolo certamente não esperava que todos na assembleia pudessem falar numa língua estrangeira, mas vários possuíam essa habilidade. Além disso, os que falavam miraculosamente estavam fazendo isso ao mesmo tempo. Se houvesse incrédulos presentes quando **toda a igreja se reunia no mesmo lugar** e observassem vários presentes falando em línguas que eles não entendiam, teriam razão em concluir que os crentes haviam perdido o juízo, ou que eram **loucos**. As línguas deveriam ser um sinal a levar os incrédulos a ter fé em Cristo, mas do modo como os coríntios as estavam usando, o efeito estava sendo contrário.

Uma comunidade que se mantém unida por uma confissão, uma missão e um estilo de vida comuns necessariamente se “reúne” (*συνέλθῃ*, *sunelthē*). A ARA optou por traduzir a expressão idiomática grega *ἐπὶ τὸ αὐτό* (*epi to auto*) por **no mesmo lugar**, mas essa combinação de palavras também pode significar “juntos”. Ela aparece em Mateus 22:34 e Lucas 17:35, cinco vezes em Atos (1:15; 2:1, 44, 47; 4:26) e três vezes em 1 Coríntios (7:5; 11:20; 14:23). A expressão foi usada para chamar a atenção para a

mente e o propósito comuns partilhados pelos que se reuniam no mesmo lugar³. Lucas usou essas palavras em Atos para salientar a unidade de coração e mente experimentada pela igreja de Jerusalém em seus primórdios. Paulo citou-as em 7:5 ao falar do marido e da mulher “se ajuntarem” após um período de incontinência e também do vínculo comum e da confissão partilhada dos que se reuniam para adorar (11:20; 14:23). A preocupação do apóstolo era que permitir vários membros falando em línguas ao mesmo tempo destruiria o propósito que tinham em comum ao se reunirem.

Em contraste com a confusão gerada quando vários falavam em línguas ao mesmo tempo, o dom de profecia era adequado para o ensino. Quer os adoradores falassem em línguas, quer profetizassem, Paulo insistiu em que houvesse ordem (14:27–31). O apóstolo acabara de dizer que a profecia era para os crentes (14:22), mas ele não negou que também poderia ser um instrumento para imprimir a verdade nos incrédulos. Se ele não esperava que os incrédulos ouvissem literalmente “todos” os membros falarem em línguas, tampouco esperava que ouvissem “todos profetizarem” (14:24). O contraste traçado pelo apóstolo era este: não cristãos poderiam entender uma mensagem quando ouvissem a profecia. Seriam desafiados a crer, a obedecer a Cristo ou a reformar suas vidas morais. No entanto, quando vissem vários membros falando ao mesmo tempo em línguas desconhecidas a eles, a cena teria a aparência de desordem. Palavras inteligíveis levariam um incrédulo a ser “convencido”; sons que não podiam ser entendidos o levariam ao espanto ou ao entretenimento.

Versículos 24 e 25. Era perfeitamente previsível que o efeito da profecia sobre um incrédulo, diferente das línguas, fosse como o descrito em 14:25a, b: **tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus.** O caminho para se alcançar o coração do não cristão era por meio de sua mente, seu entendimento. Quando ele ouvisse a mensagem da profecia, quando visse Deus agindo por meio das palavras que ele entendia, seria convencido da verdade do evangelho. Então, ele adoraria e confirmaria, **testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós.**

³Everett Ferguson, “‘When You Come Together’: *Epi to Auto* in Early Christian Literature,” *Restoration Quarterly* 16, no. 3/4 (1973), pp. 202–8.

Gordon D. Fee observou que o capítulo 14 se compõe de duas partes, os versículos 1 a 25 tratam da “necessidade absoluta de inteligibilidade na assembleia” e os versículos 26 a 40 tratam da “necessidade absoluta de ordem na assembleia”⁴. Inteligibilidade era crucial porque o resultado desejado era que os crentes fossem edificados e que os incrédulos fossem convencidos do pecado e da necessidade de aceitarem a Cristo. Quer o alvo fosse exortação, quer fosse instrução, quem pregava Cristo não começava dizendo: “Aqui, vocês precisam sentir isto”. Eles começavam dizendo: “Aqui, vocês precisam entender isto”. Exortação, instrução e edificação exigem inteligibilidade. Paulo usou variações da palavra equivalente a “edificar” ou “edificação” sete vezes no capítulo 14⁵.

Nem Atos nem as cartas do Novo Testamento oferecem muitas informações sobre os detalhes do que ocorreu quando as igrejas primitivas se reuniam para adorar. Presumimos que faziam uma leitura pública do Antigo Testamento ou de exortações escritas por mestres respeitados (Colossenses 4:16; 1 Timóteo 4:13). Profetas e evangelistas visitantes provavelmente tomavam a palavra para edificar e ensinar quando estavam presentes (Atos 20:7). Talvez tenhamos fragmentos de alguns cânticos e orações dessa época incorporados nas cartas. Todavia, além do fato de realizarem uma assembleia no dia do Senhor para tomar “a ceia do Senhor”, os cristãos de hoje pouco sabem sobre os padrões de adoração usados pelas igrejas do primeiro século. Temos instruções suficientes, mas não informações exaustivas.

Uma coisa é clara: Paulo esperava que as reuniões da igreja fossem inteligíveis e ordeiras. Quando Paulo contrastou o falar em línguas com a profecia (14:2-6) ficou implícito o gerenciamento do culto público de adoração, porém essa não era sua principal preocupação. A partir de 14:26, o foco muda, à medida que a conduta dos crentes na reunião cristã se torna o principal assunto do texto. Parecia que a informalidade reinava na assembleia. Ao mesmo tempo, o apóstolo não autorizou total espontaneidade. Uma adoração ordeira e planejada dá condição ao louvor e à edificação mútua. Depois de comparar os relativos méritos das línguas e da profecia, “e no

⁴Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987, p. 571.

⁵Veja 14:3, 4 (duas vezes), 5, 12, 17, 26.

v. 25 Paulo migrou da preocupação com inteligibilidade para a preocupação com ordem”⁶.

INSTRUÇÕES AOS PARTICIPANTES DA ADORAÇÃO (14:26-32)

²⁶Que fazer, pois, irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação. ²⁷No caso de alguém falar em outra língua, que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e haja quem interprete. ²⁸Mas, não havendo intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus. ²⁹Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem. ³⁰Se, porém, vier revelação a outrem que esteja assentado, cale-se o primeiro. ³¹Porque todos podereis profetizar, um após outro, para todos aprenderem e serem consolados. ³²Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas.

Versículo 26. Empregando uma pergunta retórica, Paulo continuou a resumir sua instrução, mudando de direção. “Para onde tudo o que eu disse até aqui nos leva?”, perguntava ele, com efeito. Primeiramente, ele citou os tipos de coisas que estavam acontecendo durante a reunião. O ideal era que todas essas atividades servissem para dar louvor a Deus e para prover ensino e encorajamento mútuos. A própria comunidade cristã iniciava as atividades da assembleia. Cada um tinha uma parte, embora os papéis de crentes individuais se diferenciassem. A participação talvez fosse relativamente ativa. Alguns crentes provavelmente se contentavam em apoiar os que tomavam a iniciativa de liderar.

Tudo indica que os cristãos que tinham interesse e habilidade musical traziam cânticos para a reunião. Talvez alguns fossem composições originais, enquanto outros eram cópias ou adaptações de cânticos ouvidos em outros lugares. Provavelmente usavam salmos ou versos responsivos. O canto comunitário havia se inserido na adoração cristã desde o princípio (Marcos 14:26; Atos 16:25). Alguns adoradores podiam levar **um salmo** (*ψαλμός, psalmos*) do Antigo Testamento para a reunião, mas

⁶Ben Witherington III, *Conflict and Community in Corinth: A Socio-Rhetorical Commentary on 1 and 2 Corinthians*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 285.

é improvável que Paulo estivesse usando a palavra num sentido técnico. A associação de salmos com palavras genéricas como ensino ou revelação sugere que o apóstolo considerava qualquer cântico de louvor ou devoção “um salmo”. Em algumas ocasiões, o apóstolo parece ter emprestado palavras de salmos cristãos às suas cartas (veja Filipenses 2:6–11; Colossenses 1:16, 17). Independentemente do que fazia parte do canto entoado pela igreja, o apóstolo queria se certificar de que haveria ordem e inteligibilidade.

A distribuição de dons diretamente do Espírito permitiu que cristãos individuais acrescentassem à adoração dos coríntios elementos que se tornaram desconhecidos após o período do Novo Testamento. Tudo indica que o Espírito dada revelações diretas a certos crentes. Os que eram assim abençoados traziam suas mensagens para a assembleia da igreja visando o ensino e a edificação. Paulo concordou que os irmãos que tinham um dom de línguas falassem durante a assembleia, desde que houvesse também alguém com o dom de interpretação. As línguas só edificavam quando interpretadas. O apóstolo quis “desestimular a expressão desses dons espirituais que só edificam o indivíduo (14:4) e incentivar os dons que edificam toda a comunidade”⁷. Tudo o que ocorria na assembleia deveria ser direcionado para o louvor a Deus e para a edificação dos crentes (veja Hebreus 10:23–25).

Versículo 27. Os que falavam em línguas precisavam fazê-lo **sucessivamente**. Considerando que o que falava em outra língua poderia se manifestar por iniciativa própria, cada um deveria se controlar para falar ou calar-se como um ato de vontade própria. Paulo incentivou os que possuíam esse dom a controlarem tanto o impulso para falar como a maneira de falar. Evidentemente, falar em outra língua não era um desejo irresistível; não era uma questão de receber poder do Espírito Santo. Se um indivíduo possuía o dom de línguas e dois ou três já haviam falado durante a reunião (*ἐν ἐκκλησίᾳ, en ekklēsia*, “na igreja”; veja 14:19, 28), ele deveria se calar. O apóstolo insistiu que não deveriam permitir que o falar em línguas predominasse na reunião.

Versículo 28. Se um membro falasse numa língua que ninguém entendia, ele só deveria fazê-lo na presença de um intérprete. Em alguns casos, a mesma pessoa poderia ter múltiplos dons do Espírito, para que tanto falasse em outra língua quan-

to interpretasse o que acabara de dizer (veja 14:5). Embora seja verdade que a interpretação e tradução não eram precisamente a mesma coisa, o termo *διερμηνεύω* (*diermēneuō*) pode se referir aos dois processos⁸. Paulo esperava que as palavras concedidas pelo Espírito tivessem um significado específico para a ocasião. Se o orador não pudesse interpretar, e se ninguém que entendia a língua estivesse presente, ele deveria procurar um intérprete. O intérprete ofereceria uma tradução do que foi dito, ou explicaria seu significado. Na exortação de Paulo estão implícitos dois princípios: 1) As línguas tinham significado e 2) a menos que a mensagem fosse interpretada, ela não beneficiava ninguém. Os dons espirituais eram para a edificação da igreja, não uma demonstração pública de louvor a si mesmo. Falar em línguas não era uma experiência subjetiva e pessoal, uma comunhão mística com Deus.

Salientando que Paulo não estava falando de um dom exercido por um impulso irresistível, ele disse que quem tinha o dom de falar em línguas deveria ficar **calado na igreja** (*en ekklēsia*), ou seja, na igreja reunida, se não houvesse intérprete. Leon Morris comentou: “Isto nos mostra que não devemos pensar em falar ‘línguas’ como resultado de um irresistível impulso do Espírito, empurrando o homem, quer este queira quer não, a um linguajar extático”⁹.

Oprimir o impulso de falar não impedia a adoração. A pessoa com o dom podia falar com Deus em silêncio sem causar confusão na assembleia. A suposição do apóstolo era que quem falava em outra língua tinha algo significativo a comunicar aos seus companheiros adoradores. O apostolo não deu indicação de que quem falava em outra língua poderia emitir sons sem significado aos quais um intérprete teria de atribuir algum sentido.

Versículo 29. O dom da profecia, assim como o de falar em línguas, era exercido à mercê de quem possuía o dom. Assim como nas línguas, a instrução não era que **apenas dois ou três** profetas falassem de uma vez, mas que apenas dois ou três falassem no decurso da assembleia. Nenhuma atividade isolada – fosse línguas, profecia, cânticos ou oração –

⁸Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 244.

⁹Leon Morris, *1 Coríntios – Introdução e Comentário*. Série Cultura Bíblica. Trad. Odair Olivetti. São Paulo: Mundo Cristão & Vida Nova, 1986, p. 160.

deveria predominar no culto de adoração. Quando um profetizava, **os outros**, talvez o corpo de crentes ou os profetas, deveriam ouvir e **julgar** o que fora dito. Tudo que fosse dito em outra língua deveria ser interpretado; a elocução profética deveria ser examinada. A igreja não deveria aceitar toda mensagem que ouvisse sem criticar. Tudo indica que nem todas as profecias eram da mesma qualidade, e nem todas produziam o mesmo efeito desejado.

Considerando que a qualidade do que os profetas diziam variava, a implicação é que o Espírito não se apoderava simplesmente da personalidade de um profeta assim como um mecânico controla uma ferramenta. Antes, o Espírito agia através da pessoa para produzir uma mensagem. Porque a própria pessoa estava envolvida na formulação da mensagem, era de se esperar diferenças de qualidade. O exercício de um dom concedido miraculosamente envolvia escolhas e decisões que emanavam da mente de quem receber o poder do Espírito.

Versículo 30. Se um profeta estivesse falando e viesse uma **revelação a outrem que** estivesse **assentado**, o primeiro profeta deveria calar-se para dar a vez ao segundo. Ninguém tinha o direito de insistir em ter todo o tempo para si. Ninguém exercia monopólio sobre as mensagens de Deus. A ordem na assembleia envolvia demonstração de cortesia. A boa ordem proibia que falar em línguas, profetizar ou cantar se tornasse uma oportunidade para uma pessoa orgulhosa chamar a atenção para o dom que recebera do Espírito. A igreja também precisava dos dons e das mensagens dos demais irmãos.

Versículo 31. Parece que Paulo insinuou haver um problema na assembleia; talvez um ou dois indivíduos tivessem começado a falar e recusaram ceder esse privilégio a outro. O apóstolo disse que cada profeta deveria ter a sua vez. **Porque todos podereis profetizar**, disse ele, **um após outro, para todos aprenderem e serem consolados**. O apóstolo foi insistente quanto ao profeta não deixar que a auto-avaliação da importância de sua profecia extinguisse a cortesia mútua.

Versículo 32. A versão inglesa NRSV traduz: “E os espíritos de profetas estão sujeitos aos profetas”. Essas palavras podem ser interpretadas de duas maneiras. Uma sugestão é que um profeta escolhia quando iria exercer o dom concedido a ele pelo Espírito. Um fato importante visto novamente aqui é que o impulso de profetizar não dominava simplesmente a pessoa. O próprio espírito do profeta, mesmo quando movido pelo Espírito Santo,

estava sujeito ao próprio profeta. O mesmo se aplicava, ao que parece, a quem falava em outra língua. Os oradores poderiam se conter; poderiam passar a palavra a outro. Ninguém era tão santo a ponto de supor possuir todas as coisas boas a serem ditas à igreja.

Já os tradutores da versão inglesa NASB vertiram o texto para: “...os espíritos de profetas estão sujeitos a profetas”. De fato, nenhum artigo aparece no grego antes de “profetas” em nenhuma das frases. A NASB sugere que um profeta estava sujeito à influência limitadora de outros profetas quando falava. Esta é uma boa tradução, mas o não uso do artigo no grego não é um fator decisivo. O contexto é que deve determinar o significado, e este contexto pesa em favor da tradução portuguesa sugerida pela ARA: **Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas**. Com isto, Paulo estava encorajando os próprios profetas a se conterem.

INSTRUÇÕES ÀS MULHERES DURANTE A ADORAÇÃO COLETIVA (14:33–36)

³³**Porque Deus não é de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos,** ³⁴**conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina.** ³⁵**Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja.** ³⁶**Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós ou veio ela exclusivamente para vós outros?**

Versículo 33. A quebra separando o fim do versículo 32 do começo do 33 acaba por promover uma confusão na sessão 14:34–36. Desordem não pertence ao caráter de Deus. Quando o Seu povo se comporta de modo confuso e desordeiro, desonram o Deus de paz. Ele **não é Deus de confusão**. Este pensamento é uma conclusão apropriada para as instruções do apóstolo citadas nos versículos anteriores, mas o que dizer da última frase: **Como em todas as igrejas dos santos?** Ela faz parte do resumo da instrução anterior, ou é uma introdução ao que vem a seguir?

Algumas versões inglesas (NRS; NIV1984; ESV) e editores do texto grego de 1 Coríntios comumente usado pontuam 14:33 de modo diferente. Dividem o versículo de modo que “como em todas as igrejas dos santos” inicie um novo parágrafo que dá conti-

nuidade ao assunto geral de ordem e desordem na assembleia. Há boas razões para isso. Paulo introduziu o assunto de mulheres na assembleia a esta altura porque parte da desordem foi causada por mulheres que estavam competindo por lugares de proeminência. Implicitamente, o apóstolo pediu que a igreja coríntia praticasse o que a igreja já fazia em outras localidades. As congregações da igreja do Senhor devem aprender umas com as outras.

Versículos 34 e 35. A introdução do silêncio das mulheres nas reuniões públicas de adoração é abrupta, a menos que o leitor entenda que “como em todas as igrejas dos santos” vincule a instrução anterior à que se segue. Parece que o certo seria mesmo abrir um novo parágrafo na metade de 14:33. Todavia, o sentido do versículo não fica prejudicado se aceitarmos a frase como o fim da exposição sobre ordem na assembleia.

Os comentaristas geralmente encontram dificuldade para conciliar a aparentemente casual aceitação paulina de mulheres profetizando em 11:5 com o silêncio feminino na assembleia pública, ordenado por ele em 14:34, 35. O apóstolo disse: **conservem-se as mulheres caladas nas igrejas**, num contexto em que “igreja” estava intimamente associada à assembleia. Ele acrescentou que as mulheres deveria estar **submissas**. Para se fazer o mais claro possível, no versículo seguinte, ele continuou: **porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja**.

Um exame detalhado das duas passagens revela que as tensões entre 11:1–16 e 14:34 e 35 têm sofrido exageros. Na exposição do capítulo 11, a questão da submissão feminina aos homens na assembleia pública – ou em qualquer ocasião – era uma questão secundária. O simbolismo de cobrir a cabeça era de suma importância naquele contexto. Ali, os mesmos costumes sociais fizeram o apóstolo falar tanto da necessidade de os homens terem a cabeça descoberta quanto das mulheres cobrirem a cabeça. Em contraste com isto, foi no contexto da igreja reunida para adorar (14:34) que Paulo instruiu as mulheres a estarem “submissas”. A igreja reunida para adorar era um fator secundário – se é que tinha alguma relevância – para o costume de cobrir a cabeça descrito em 1 Coríntios 11; esse foi o tema do capítulo 14. Se o costume de cobrir a cabeça estava relacionado com a submissão durante a assembleia da igreja, era de se esperar que Paulo discutisse isso aqui.

Quaisquer que fossem as questões relativas a liderança, e quaisquer que fossem as implicações para as mulheres nas assembleias da igreja, a reu-

nião da igreja não parecia ser a preocupação por trás das admoestações de Paulo. Em vez disso, sua principal preocupação era a mensagem que o gesto de cobrir a cabeça comunicava quando homens e mulheres cristãos estavam presentes num culto público. Os comentários de Paulo sobre observar a ceia do Senhor (11:20) e o uso do dom de línguas incluíram a expressão ἐν ἐκκλησίᾳ (*en ekklēsia*, “na igreja”; 14:35; veja 14:19, 28) somente quando a conduta na assembleia estava em questão. A expressão não ocorre em relação ao gesto de homens ou mulheres cobrirem a cabeça.

Em 14:34 e 35, dúvidas sobre a liderança na adoração pública evocaram uma resposta do apóstolo. Em todo o capítulo 14, o comportamento em reuniões públicas foi o pano de fundo para as instruções e admoestações de Paulo. Tudo indica que ele estava ciente de que algumas mulheres da igreja estavam causando confusão “na igreja”. Por essa razão, ele as instruiu a ficarem caladas. Através do silêncio, estariam confessando que aceitavam a liderança de seus maridos. Paulo disse que era assim que tinha de ser.

Em apoio à sua declaração, o apóstolo recorreu à Lei usando a expressão **como também a lei o determina**. É obscuro a determinação exata da Lei que Paulo tinha em mente; talvez estivesse pensando nas palavras de Gênesis 3:16, em que foi dito à mulher: “teu marido te governará”. O apóstolo não apresentou nenhuma exceção à ordenança para as mulheres “se conservarem caladas” (*σιγάω, sigao*)¹⁰ na assembleia, mas a admoestação não pode ser entendida em termos absolutos. Por exemplo, presume-se que as mulheres cantavam na assembleia. O assunto em 14:34 e 35 é a liderança na reunião de adoração manifestada por quem tomava a palavra publicamente.

No mundo grego, as mulheres raramente recebiam o mesmo tipo de educação que os homens. Plutarco, contemporâneo de Paulo e sacerdote em Delfos, aconselhava que uma esposa não deveria falar em público, mas que deveria “falar com o marido ou através do marido”. E acrescentou: “Não deve ela sentir-se discriminada, se assim como o flautista, ela emitir um som mais impressionante através de uma boca que não seja a dela”¹¹.

Normas sociais deveriam ser observadas, mas

¹⁰O mesmo verbo é usado em 14:28 e 30, onde sua força é inequívoca.

¹¹Plutarco, “Conselhos aos Noivos”, *Moralia* 2.32 [142].

as palavras do apóstolo demandam mais do que conformidade com costumes. Ele parecia estar dizendo que a norma universal para a igreja era que as mulheres cedessem aos homens a liderança da adoração quando a igreja se reunia. As implicações teológicas são consideráveis. Se a prática da igreja apostólica deveria ser a norma, a igreja moderna deveria espelhar a sua prática segundo essas instruções. Isto não equivale a dizer que as mulheres devem ficar absolutamente caladas nas assembleias da igreja. Não se pode ficar calado num sentido absoluto, por exemplo, e cantar ou cumprimentar um amigo crente. Em vez disso, as mulheres deveriam ceder aos homens a posição de liderar na reunião pública¹².

A notável tensão entre a instrução de Paulo em 14:34 e 35 e 11:5 pode ser solucionada de uma das duas maneiras. Primeiramente, Paulo pode ter permitido que quando as mulheres profetizassem sob o impulso direto do Espírito Santo, a ordem para falarem deveria prevalecer sobre a regra geral de “conservarem-se caladas nas igrejas”. Em segundo lugar, pode ser que as mulheres profetizassem em ambientes diferentes da assembleia pública da igreja, possivelmente quando somente outras mulheres estavam presentes ou quando os cristãos estavam juntos num ambiente informal. Uma vez que o ensino e a correção, pelo que sabemos, eram inerentes à profecia (veja, por exemplo, 1 João 4:1), a segunda explicação não deve ser descartada sem motivo. As preocupações de Paulo em 1 Coríntios 11 parecem ser com o comportamento de homens e mulheres quando estavam todos juntos, e não necessariamente quando se reuniam “na igreja”.

Em virtude das reivindicações de igualdade entre os sexos gerarem reações emocionais, alguns prontamente entendam outra coisa com base numa ínfima variação textual. Uma minoria de textos e traduções coloca 14:34 e 35 após 14:40. Nenhum deles omite os versículos, porém até esse simples deslocamento tem permitido que alguns argumentem que o trecho 14:34 e 35 não fazia parte da carta original de Paulo; ou seja, alegam que essas palavras foram inseridas por um escritor posterior¹³. É difícil saber

¹²James Greenbury examinou com um olhar crítico a hipótese de “Paulo estar proibindo as mulheres somente de participarem da análise oral das profecias” e não de profetizar em si. (James Greenbury, “1 Corinthians 14:34–35: Evaluation of Prophecy Revisited,” *Journal of the Evangelical Theological Society*, Dezembro de 2008, pp. 721–31.) No fim, ele rejeitou esse ponto de vista.

¹³Esta é a solução apresentada por comentaristas como

por que os versículos foram descolados em alguns textos, mas, pode ser que um escriba tenha acidentalmente omitido os versículos e depois, percebendo o erro, os tenha copiado após 14:40, em vez de reescrever toda a página. As cópias mais antigas e mais respeitadas do Novo Testamento trazem 14:34 e 35 após 14:33. Aqueles que desejam omitir 14:34 e 35 do teto parecem encontrar motivação num preconceito com base em interesses pessoais.

Segundo as instruções de Paulo, uma mulher deveria levantar quaisquer dúvidas que tivesse privadamente, em vez de arriscar-se a parecer desrespeitar o marido. O apóstolo instruiu as mulheres a **interrogarem, em casa, a seu próprio marido** (14:35) sobre a reunião de adoração, os padrões de conduta ou a sã doutrina da igreja. A conveniência de uma mulher comentar ou interrogar num fórum público difere de uma geração para outra; porém, depois de tratar das questões culturais, é difícil contestar a premissa do apóstolo. Assim como deve ser no lar, os homens têm responsabilidades de liderança na igreja pertinentes ao fato de serem homens (Colossenses 3:18, 19). Para se fazer claro, Paulo acrescentou: **porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja**. Todas as congregações da igreja do Senhor devem trabalhar as questões tratadas aqui por Paulo com a perspectiva de serem fieis à Palavra de Deus.

No cenário religioso moderno, indaga-se com freqüência: “E se uma mulher não tem marido?” Essa pergunta provavelmente não exerceria tanta pressão para os crentes de Corinto. Paulo parecia pressupor que toda mulher respeitável era casada. Uma mulher casada normalmente seguia a direção religiosa do marido. Para ser fiel a Cristo, o marido queria ensinar a esposa e responder suas dúvidas. Na igreja moderna, os costumes sociais concedem maior liberdade à mulher. Ela pode ser incentivada a fazer perguntas em aulas bíblicas ou em outras situações informais. Além disso, hoje uma mulher pode ser respeitável mesmo não sendo casada. A mulher não casada pode achar um homem que a mantenha informada ou que responda suas dúvidas. Ela pode fazer isso com um parente, um presbítero ou outro membro da igreja respeitado.

Paulo se dirigiu às igrejas, Corinto foi uma delas, sem poder recorrer à autoridade do Novo Testamento como apoio. Até certo ponto, ele compensou isso recorrendo às práticas comuns adotadas nas

igrejas. Em 7:17, o apóstolo concluiu sua instrução aos maridos e às esposas dizendo: “É assim que ordeno em todas as igrejas”. Em 11:16, quando o assunto era o costume de se cobrir a cabeça, ele declarou: “Saiba que nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus”. Ao admoestar os irmãos sobre a ordem no culto, escreveu: “Como em todas as igrejas dos santos” (14:33).

Versículo 36. E difícil reconstruir a oposição a Paulo em Corinto, e não sabemos o grau de sua força. O que é evidente é que o apóstolo estava pronto para a tarefa de enfrentar seus oponentes. A pergunta **Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós...?** é um pouco mais incisiva do que as palavras em 7:17, 11:16 ou 14:33. Todavia, um sentimento só inspirou todas elas; a saber, a prática de todas as igrejas ser uma fonte de orientação para a igreja em Corinto. As práticas que promoviam desordem nas assembleias da igreja em Corinto eram uma afronta para a igreja de Cristo onde quer que ela se reunisse. Os cristãos de Corinto precisavam aprender com as práticas das demais congregações. O evangelho não havia se originado no meio deles. Aqueles cristãos suporem que outros irmãos deveriam seguir suas práticas constituía uma atitude de arrogância ao extremo. Paulo trouxe-os de volta à realidade perguntando: **Ou veio ela [a palavra do evangelho] exclusivamente para vós outros?**

INSTRUÇÕES A ADORADORES EM GERAL (14:37–40)

37Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. **38**E, se alguém o ignorar, será ignorado. **39**Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar e não proibais o falar em outras línguas. **40**Tudo, porém, seja feito com decência e ordem.

Versículo 37. Paulo estabeleceu como uma marca do verdadeiro **profeta** ou da pessoa verdadeiramente **espiritual** a habilidade de reconhecer as palavras do apóstolo como sendo mandamento do Senhor. Paulo entendia que Deus operava através dele. Ele foi inspirado de tal maneira que o que escreveu era **mandamento do Senhor** para a igreja. J. Gresham Machen concluiu o seguinte:

Pois as palavras que o próprio Paulo escreveu,

devido à sua autoridade apostólica, constituíam mandamentos do Senhor no sentido amplo, pelo fato de a autoridade do Senhor estar por trás delas [14:37].¹⁴

Provavelmente, Paulo fez a declaração sabendo que alguns da igreja em Corinto questionavam sua autoridade (veja 2:13; 2 Coríntios 10:2). A batalha pessoal estava interligado ou entrelaçado pela batalha pela submissão da igreja a Deus.

Versículo 38. Quem se recusasse a reconhecer a verdade do que Paulo escrevera, ou seu direito de instruir a igreja em determinado assunto, estaria optando por **ignorar** um fato. A ignorância dos caluniadores de Paulo seria exposta. Talvez isso viesse a ser feito por Paulo ou pelos irmãos de Corinto genuinamente espirituais; talvez Paulo se referisse ao fato de o Senhor expô-los. Em consequência, o apóstolo disse: **Será ignorado**. Isto é, ele não seria aceito como uma pessoa espiritual nem um profeta. Um toque de exasperação parece estar presente nessas palavras. O apóstolo não criticaria para sempre os que questionaram a direção do Espírito dada através dele. Ao mesmo tempo, ele viraria as costas para seus oponentes e os deixaria em sua própria ignorância. Por ora, ele seguiria adiante.

Versículo 39. Por causa da igreja, por sua edificação e crescimento, a profecia era um dom mais crucial do que o falar em línguas. Contudo, o apóstolo não negou o benefício das línguas. Ninguém deveria ser proibido de exercer seu dom concedido pelo Espírito. O dom de línguas, assim como o de profecia, poderia beneficiar a igreja quando fosse exercido de modo ordeiro. Em todo o capítulo 14, Paulo dirigiu-se aos que possuíam dons que os impeliam a falar. Quer por profecia quer por falar em línguas, o orador escolhia o momento e as circunstâncias específicas para o emprego de seu dom (14:27–33). Quem falava em outras línguas usava as línguas dadas a ele miraculosamente pelo Espírito; quem profetizava recebia mensagens embasadas pela autoridade do Espírito. Quando exercidos dentro dos limites da ordem, os dons agiram em favor da edificação do corpo de Cristo. Se fossem usados de outro modo, poderiam tirar o crédito da igreja publicamente. Ou seja, traíram confusão entre os que estavam tentando entender a natureza da igreja.

¹⁴J. Gresham Machen, *The Origin of Paul's Religion*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947, p. 147.

Versículo 40. Era particularmente a assembleia dos cristãos que Paulo tinha em vista quando admoestou que **tudo fosse feito com decência e ordem**. Paulo não estava defendendo que a assembleia dos cristãos fosse formal e rígida. Ele estava enfatizando que era necessário certo planejamento e estrutura para evitar que a reunião de adoração se degenerasse em caos ou que fosse dominada por um pequeno grupo de prepotentes. Todos os cristãos devem contribuir com os dons que possuem para a adoração prestada a Deus através do Seu povo. Wayne A. Meeks, sem dúvida, estava correto ao dizer: “O valor dos dons espirituais é assim estritamente derivado de sua utilidade em solidificar e ‘edificar’ o grupo. ‘Edificar’ é entendido como tendo ocorrido através dos meios racionais”¹⁵.

■■■■■ DESTAQUES ■■■■■

A Reunião de Adoração dos Cristãos

Mais do que qualquer outra passagem, 1 Coríntios 14 lança luzes sobre o que os cristãos do Novo Testamento faziam quando se reuniam. Hoje, os cristãos poderiam desejar ter uma passagem que dissesse: “Quando se reunirem no primeiro dia da semana, façam isto...”, seguido por uma explicação passo a passo. Por razões que só Ele sabe, Deus não escolheu determinar como deve ser a reunião de adoração dessa maneira. Eis o que podemos afirmar seguramente. 1) No período do Novo Testamento, os cristãos foram guiados pela revelação apostólica para se reunirem todo dia do Senhor (veja 1 Coríntios 11:20; 16:2). 2) Durante a assembleia os cristãos observavam a ceia do Senhor (11:20, 23–26; veja Atos 20:7), cantavam, oravam e aprendiam a mensagem do evangelho como era ensinada por homens inspirados (14:26). Além disso, eles ofertavam conforme suas condições (16:2).

A Citação de Paulo do Antigo Testamento (14:21)

A referência de Paulo a “línguas estranhas” em 1 Coríntios 14:21, examinada no contexto de Isaías 28:11 e 12 pode parecer estranha aos leitores de hoje. A mensagem de Isaías aos seus contemporâneos sobre “outras línguas” referia-se a Deus falando com Israel por meio de um povo estrangeiro. Nada tinha a ver com o fenômeno de falar em línguas por um

dom concedido pelo Espírito na igreja em Corinto. Se a passagem de Isaías não estava prevendo os fatos neotestamentários, com qual propósito Paulo a citou?

Os cristãos devem admitir que nem toda citação do Antigo Testamento no Novo é uma predição de algum fato ocorrido na vida de Cristo ou de algum aspecto da igreja que Ele edificou. 1) Às vezes, autores do Novo Testamento usaram o Antigo Testamento para sustentar imperativos éticos aprovados por Deus. Quando Paulo escreveu: “quem ama o próximo tem cumprido a lei” (Romanos 13:8), e depois citou vários dos dez mandamentos, o apóstolo não estava dizendo aquilo sobre Jesus ou o Seu povo. Ele estava traçando linhas de continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento. Estava afirmando que a mensagem de Cristo exige o mesmo tipo de conduta moral que o Antigo Testamento exigia.

2) Às vezes um fato histórico de Israel foi descrito numa linguagem compatível com um fato semelhante descrito no Novo Testamento. Quando Mateus citou Oseias 11:1: “Do Egito chamei o meu Filho” (Mateus 2:15), o autor estava observando a semelhança dos fatos quando o povo de Israel, filho de Deus num sentido espiritual, saiu do Egito e o tempo em que José tirou Jesus do Egito para morar em Canaã. Os dois fatos, de certo modo, foram análogos, porém Mateus não tinha necessidade de fazer uma exegese do texto do Antigo Testamento segundo padrões modernos a fim de justificar sua citação do profeta Oseias.

Tirar as palavras de seu contexto original por serem compatíveis com uma situação nova é uma prática comum, tanto dentro como fora da Bíblia. Uma ilustração pode ajudar¹⁶. Um dos prédios mais famosos do mundo é a Catedral de São Paulo em Londres. Entre outros corpos sepultados na cripta da catedral está seu arquiteto, Sir Christopher Wren (1632–1723). O túmulo dele está marcado com uma pequena placa contendo uma inscrição latina escrita por seu filho. Diz o seguinte: “Se procuram por monumentos, olhem ao seu redor”. Quando erguemos os olhos para o alto da cripta, vemos os pináculos e o esplendor da catedral; não havia uma mera estátua compatível com aquele construtor.

Estas palavras poderiam se aplicar à vida de uma pessoa hoje. Suponhamos que um presbítero

¹⁵Wayne A. Meeks, *Os Primeiros Cristãos Urbanos: O Mundo Social do Apóstolo Paulo*. Trad. I. F. L. Ferreira. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2011, p. 125.

¹⁶O trecho seguinte foi extraído de Duane Warden, “Convincing Evidence,” *Gospel Advocate* 141. Outubro de 1999, p. 14.

tenha perdido sua esposa cristã fiel. No culto memorial, ele poderia olhar para as pessoas a quem ela consolou em momentos de crise, as crianças pobres que ela alimentou e as mulheres que ela ensinou e incentivou a obedecer ao Senhor desde o batismo. Olhando para essas pessoas cujas vidas sua esposa havia abençoado, ele poderia dizer: “Se procuram por monumentos, olhem ao seu redor”. Citando o

epitáfio de Wren, o marido não estaria alegando que aquelas palavras foram escritas a respeito de sua esposa; ainda que fossem aplicáveis, pois o monumento da mulher estava entalhado nas vidas de almas viventes. Autores do Novo Testamento usaram o Antigo Testamento de maneira semelhante, e essa é a maneira como Paulo citou Isaías 28:11 e 12 em 1 Coríntios 14:21.

Autor: Duane Warden
© A Verdade para Hoje, 2018
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS